

José Nunes Carreira

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Gilgamesh em veste Hitita

Resumo

Os Hititas adaptaram a *Epopéia de Gilgamesh* à sua língua, ainda no formato original da versão paleobabilónica do séc. XVIII a. C. Trata-se de adaptação livre e não tradução propriamente dita, dos meados do séc. XIV a. C. Reduzindo os episódios à volta da cidade de Uruk, o tradutor-adaptador deu maior desenvolvimento à viagem ao País dos Cedros, geograficamente próximo. Embora mais curto e literariamente mais pobre que o original, o texto hitita preenche lacunas das recensões acádicas.

Abstract

The Hittites adapted the *Epic of Gilgamesh* to their language, based on the Paleo-Babylonian original version dating from the 18th century BC. It is more of a free adaptation rather than an actual translation, accomplished in the 14th century BC. Having reduced the episodes that took place in and around the city of Uruk (Erech), the translator-adapter paid great attention to the journey to the Land of the Cedars, located nearby. Although shorter and not as rich literarily, the Hittite text does fill in some gaps found in the Akkadian work.

Entre os múltiplos interesses da investigação científica do homenageado estiveram compreensivelmente os Hititas. De outro modo, não empreenderia por conta própria a trabalhosa viagem até às ruínas da sua capital em Boghazköy. Precursores na arte de narrar história, os primeiros Indo-Europeus a deixar textos escritos também se interessaram pela grande cultura do seu tempo, sob a égide incontestada de Babilónia. Queira o Prof. José Amadeu Coelho Dias, Frei Geraldo para o grande público, aceitar este contributo do Colega que com ele tem partilhado amizade e lides académicas desde a desajeitada apresentação em francês (ignorávamos mutuamente a respectiva proveniência), na antecâmara da Secretaria do Pontifício Instituto Bíblico de Roma (inícios da década de 60).

A *Epopeia de Gilgamesh* conheceu uma enorme difusão em todo o Próximo Oriente antigo. Foi copiada e traduzida ao longo de dois milénios e até ao alvor da nossa era, como provam os textos achados pelos arqueólogos em Nínive, Babilónia, Assur, Nimrud (*Kalakh*), Sultantepe, Uruk, Nippur, Ur, Tell Harmal (*Shaduppu*), Ishali (*Nerebtum*), Emar/Meskene e Ras-Shamra (*Ugarit*) na Síria, Megiddo na Palestina, Boghazköy na Anatólia central, chegando mesmo ao Urartu (Arménia). Em Boghazköy foi encontrado um fragmento em acádico, dois pequenos fragmentos de uma versão hurrita e vários trechos da versão hitita.

Os Hititas adaptaram a epopeia antes elaboração de *Sin-leqé-unninni* (c. 1200 a. C.)¹, dando uma versão própria, adaptação livre e não tradução propriamente dita, em meados do séc. XIV. Embora mais curto e literariamente mais pobre que o original, o texto hitita não é falho de importância, sobretudo por preencher lacunas das recensões acádicas. A primeira placa vai até ao derrube do Huwawa (Humbaba), que na versão standard ocorre na quinta placa. Esta redução dá-se sobretudo à custa dos episódios à volta da cidade de Uruk. Compreensivelmente, autor e leitores estavam mais interessados na aventura no País dos Cedros.

Cinjo a comparação entre original e tradução/adaptação a três pontos: próémio e apresentação de Gilgamesh, floresta dos Cedros, conclusão.

I

O próémio da versão de Nínive leva-nos às muralhas de Uruk, onde o herói reinava²:

*Proclamarei ao país o homem que viu tudo,
que conheceu os mares, que soube todas as coisas,
que perscrutou todos os mistérios no seu conjunto,
Gilgamesh, o sábio universal que conheceu todas as coisas:
ele viu as coisas secretas e relatou o que era oculto,
transmitiu-nos um saber mais velho que o Dilúvio.
Regressado de rota longínqua, fatigado e sereno,
gravou sobre estela todos seus duros trabalhos.
Mandou construir Uruk-entre-Muralhas³
e do sagrado Eanna o tesouro maravilhoso.*

¹ Assim se mantém a forma paleobabilónica do nome do guardião da montanha dos Cedros: Huwawa (Humbaba na versão final).

² A Lista de Reis suméria dá-lhe 127 anos de reinado.

³ Epíteto de tipo «homérico», designando a parte da cidade circunscrita pelas muralhas. «Uruk-Praça-Maior» e «Uruk-País», menos frequentes, referem respectivamente o centro urbano e o território de Uruk.

*Olha este recinto que parece feito de bronze,
contempla seu muro interno que nenhum igualará,
toca este limiar que vem de longe,
aproxima-te do Eanna, morada de Ishtar,
de que nenhum rei vindouro fará igual, nem ser humano algum.
Sobe à muralha de Uruk e percorre-a,
examina as fundações, investiga a construção de tijolo:
(vê) se seus tijolos não são todos de tijolo cozido
e seus fundamentos os Sete (sábios) não assentaram.
I, 1-19⁴*

CRIAÇÃO DE GILGAMESH E TIRANIA EM URUK

*Nele dois terços são divinos, um terço é humano.
A forma do seu corpo a Grande Deusa a modelou;
a sua estatura foi o deus Nudimud (Ea) que a acabou.
Tinha um rosto impressionante...,
Um corpo gigantesco, estatura arremessada;
a extensão dos seus (braços?) era de x côvados.*

(lacuna de cerca de três linhas)

...

*Seu pé era de um triple côvado (1,5 m), sua perna de seis côvados (?);
de seis côvados (3 m) era seu rasto;
de x côvados era o primeiro dos seus dedos.
Suas faces eram barbudas como as de...;
os molhos da sua cabeleira eram espessos (como) os da deusa das cevadas.
Com sua figura, perfeito era o seu garbo;
como tal convinha ao país, era belo.*

*Entre as muralhas de Uruk, ele, ele não cessa de errar,
mostra-se o mais forte, tal búfalo, cabeça levantada,
nada se comparava ao choque das suas armas;
atentos a ele, seus companheiros ficam de pé;*

⁴ R. LABAT et alii, *Les religions du Proche-Orient asiatique*, Paris 1970, p. 149; J. NUNES CARREIRA, *Literaturas da Mesopotâmia*, Lisboa 2002, p. 146.

*oprime os guerreiros de Uruk como um tirano:
Gilgamesh, não deixa filho a seu pai.
Dia e noite excita-se com violência,
Gilgamesh...;
é ele, todavia, o pastor de Uruk-entre-Muralhas.
Gilgamesh não deixa donzela a sua mãe.
O lamento delas...
... diante...
I, 1, 46-51 II, 2-20⁵*

O prólogo da versão hitita comprime-se num verso:

*Hino (a Gilgamesh).
(Quero cantar) o herói.*

A tirania do rei de Uruk sobre as donzelas exprime-se de novo mais abaixo:

*Mas para o rei de Uruk-Praça-Maior
está aberta a rede (nupcial) das pessoas,
para que ele escolha.
A esposa destinada ele a possui,
ele, antes de mais; o marido (só) depois.
II, 1, 154-155⁶*

Versão hitita:

criação de Gilgamesh, rei de Uruk

*Quando criou Gilgamesh, o deus (Ea?...);
os grandes deuses dotaram-no de uma forma (ideal):
(os deuses) criaram Gilgamesh com esta forma.
O celeste Shamash⁷ deu-lhe (a força viril).
O deus da Tempestade deu-lhe um espírito heróico.
(Foi assim) que os grandes deuses criaram Gilgamesh.*

⁵ R. J. TOURNAY-A. SHAFFER, *L'épopée de Gilgamesh* (LAP0 15), Paris 1994, pp. 44-46.

⁶ R. LABAT et alii, *Les religions*, 160.

⁷ A. BERNABÉ, *Textos literários hititas* (TLH), Madrid 1987, p. 107, quiçá com maior rigor (o ideograma acádico seria convertido num deus hitita correspondente): *O deus Sol-do-Céu*.

*A sua altura era de onze côvados,
 seu peito tinha nove palmos de largura,
 o comprimento de⁸ ... era de três...
 Percorreu todos os países
 e chegou a Uruk.
 Dia a dia prevalecia sobre os jovens de Uruk.
 A mãe dos deuses...
 e... de Gilgamesh... ventos.
 A mãe dos dois ...viu...
 e... no seu coração irritou-se.
 Todos os deuses (acorreram...)
 ao lugar (?) da assembleia... ela se dirige (e diz):
 «Este Gilgamesh que criastes,
 criei (um igual a ele...)
 Ela misturou juntamente...⁹*

Um herói de medidas físicas excepcionais, valentão sobre os jovens de Uruk, em breve a medir-se com um rival criado adrede pelos deuses. Herói, mas sem ultrapassar a grandeza humana (nada sobre os dois terços de deus nem sobre a deusa sua mãe). Nada sobre o pretensão despotismo sobre as noivas da cidade. Não se preservou, se é que lá estava, o nome do rival – Enkidu.

Em vez do direito às primícias sexuais das noivas da cidade, a versão hitita evoca antes combates atléticos: «dia a dia prevalecia sobre os jovens de Uruk». Um texto difícil da placa XII (l. 154) parece confirmar esta interpretação na própria versão de Nínive: «os jovens da cidade jogavam à bola»¹⁰. Pouco se diz da sua tirania em Uruk, pouco importante para um estrangeiro.

II

NA FLORESTA DOS CEDROS

*Mantêm-se imóveis na orla da floresta,
 longamente olham para a altura dos cedros,
 longamente olham a entrada da floresta.
 Lá onde habitualmente passa Humbaba, havia uma vereda;*

⁸ TLH 107: seu membro.

⁹ R. J. TOURNAY-A. SHAFFER, *L'épopée*, 46; versão castelhana TLH 107.

¹⁰ *Ibid*, 254.

*Os caminhos eram abertos, e a marcha fácil.
Vêm a montanha dos Cedros, morada dos deuses, pedestal de Irnini¹¹.
Sobre a encosta da montanha os cedros armam sua luxuriante imagem;
Suave é o seu odor, todo cheio de perfume.
Os silvados entrelaçam-se, a floresta se emaranha;
O cedro se entrelaça ao estoraque e...
(A floresta está rodeada) de uma cerca, cada légua dupla...
e de novo cada dois terços (de légua dupla)...
...um bloco...
... como...¹²
(lacuna de dezasseis linhas)*

Versão hitita:

*(Chegados) à margem do Eufrates¹³,
ofereceram um sacrifício ao deus Sol. Partidos daí,
chegaram ao décimo sexto dia ao coração da montanha.
E no coração da montanha,
apontaram os cedros, deixaram de falar.
(E) Huwawa contemplava(-os) desde cima;
disse: «Moradas divinas... moradas divinas, mas os cedros,
eles tomaram.»
(Enkidu) e Gilgamesh tomaram a palavra:
«... não as montanhas amadas.
... ele franqueou as montanhas de vegetação densa.
... passando
... um homem para ir mais longe.
... as frondes dos cedros,
... têm...e no coração das montanhas.
...
...a Huwawa
... abateram.
O rasto de Huwawa
...ele chegou.*

(Duas linhas perdidas)

¹¹ «Vitória» (?), apelido da deusa Ishtar e de outras deusas.

¹² Faltam as linhas 15 a 30, onde os dois heróis de apoderavam de Humbaba.

¹³ TLH 109: Mala, nome hitita do Eufrates.

... começou a falar
«... a mim.
...Huwawa.¹⁴

(Lacuna de três linhas)

Estala, veemente, o conflito entre natureza e cultura, entre homem e selva. Ecoa igualmente a o conto popular do bosque como lugar misterioso, quiçá a montanha divina com o seu guardião e finalmente o mito da *Luta com o Dragão*. O facto de o episódio decorrer em terra hurrita (a dezasseis dias de caminho do Eufrates) tornava-a mais interessante para este público e para os vizinhos Hititas¹⁵. Assim se conservou e talvez se tenha ampliado.

ENCONTRO COM HUMBABA

*Tão depressa (tomam das) suas espadas...
e após tê-las tirado das bainhas,
este metal especial, banhado de (veneno...),
os punhos e as espadas...
Um atrás do outro, eles...
eles introduziram-se à socapa (na cabana de Humbaba).
Humbaba...
nada pôde fazer...
nada pôde fazer...*

(sete linhas destruídas)

Enlil...

*Abrindo a boca, Enkidu (tomou a palavra e disse a Gilgamesh):
«... Humbaba (é perigosíssimo...),
um atrás do outro (aos dois nos matará...).
É um sítio de coisas misteriosas,
um lugar escorregadio...
Gémeos, trigémeos (podem escapar...),
um fio triplo (não pode quebrar),
dois leõezinhos são (mais fortes do que um) leão vigoroso.*

¹⁴ R. J. TOURNAY-A. SHAFFER, *L'épopée*, 140-141; TLH 109 (texto mais curto).

¹⁵ Cf. TLH 101.

Torna a tua boca verídica...

Tu, examina...»

(lacuna)

Faltam as colunas III e IV¹⁶.

Versão hitita:

... tomou o machado na mão;

... mas quando Gilgamesh...

... brandiu também o machado de lenhador...

... e abateu os cedros.

Quando Huwawa ouviu o estrondo,

encolerizou-se: «Quem é que veio

(e maltrata) as árvores que ajudei a crescer?

Quem abate os cedros no coração das montanhas?»

Então o deus Sol, do alto do céu,

dirigiu-se a (Gilgamesh e a Enkidu):

«Aproximai-vos, não temais, entrai,

enquanto Huwawa não está em casa

nem...»

Huwawa ouviu (estas palavras) e encolerizou-se.

Enkidu e Gilgamesh entraram para ao pé dele

e (puseram) Huwawa enraivecido na montanha.

Disse-lhes então (Huwawa):

«Tomar-vos-ei até acima

e levar-vos-ei até ao céu.

(Depois) hei-de humilhar-vos e fazer atingir, em baixo, a terra sombria.»

Agarrou-os para cima, mas não os levou até ao céu;

...humilhou-os, mas não os fez atingir (a terra sombria)

Huwawa..., e com os cabelos..., eles...:

«(Quero) então vos...

agora cabelos...;

do pó que...

Agora (para?) o céu...»

¹⁶ R. J. TOURNAY-A. SHAFFER, *L'épopée*, 122.

O deus Sol, do alto do céu...;
 e ele (Gilgamesh) gritou...;
 foi para... do deus Sol-do-céu,
 e as suas lágrimas (corriam) como arroyos.
 Gilgamesh disse ao deus Sol-do-céu:
 «É o mesmo dia, na cidade...
 que ele de novo estabeleceu na cidade.
 Mas eu, ao deus Sol que está no céu me (submeti);
 Tomei o caminho e combati-o.»
 O deus Sol, do alto do céu, ouviu a oração de Gilgamesh.
 Contra Huwawa se ergueram
 poderosos furacões: o vendaval, o vento norte,
 (o tornado, a tormenta),
 a borrasca, o..., o ciclone, o suão¹⁷:
 oito furacões o enfrentaram
 e o atacaram nos olhos.
 Já lhe não foi possível avançar,
 nem tão-pouco recuar.
 Então Huwawa capitulou; Huwawa disse a Gilgamesh:
 «Deixa-me ir, Gilgamesh, tu serás o meu senhor
 e eu serei teu servo.
 Então as árvores que ajudei a crescer
 na montanha, eu delas... poderosos...»
 (...)

Mas Enkidu (disse) a (Gilgamesh):
 «Não dês ouvidos às palavras...
 de Huwawa...
 Não (deixes) Huwawa (com vida)
 ...as montanhas...»¹⁸

Omitidos os sonhos de Gilgamesh da segunda placa assíria, interpretados pela mãe, o pacto de amizade entre Gilgamesh e Enkidu, a tristeza e os temores do fiel amigo e as exortações do herói, sem confecção de armas nem discurso aos cidadãos de Uruk e resposta destes (terceira placa), a versão hitita salta os sonhos e mergulha de chofre na floresta dos Cedros. A luta com Huwawa é um tema

¹⁷ A placa de Uruk enumera treze ventos.

¹⁸ R. J. TOURNAY-A. SHAFFER, *L'épopée*, 141-143; TLH 110-111.

excepcionalmente bem tratado. O Adamastor do bosque ameaça os dois intrusos. Mas o deus do Sol, activo e colaborante desde a prece de Nin.Sun (terceira placa), interventivo na quarta placa, aparece pela primeira vez neste episódio da quinta placa de Nínive. Gilgamesh teme e pede ajuda ao hitita deus Sol-do-Céu, que o ouve.

Completa-se e amplia-se vigorosamente o relato sobre o corte dos cedros e a morte de Huwawa (Humbaba), muito fragmentários no original acádico¹⁹, sobretudo na versão da biblioteca de Assurbanípal. Ao invés, o corte dos cedros está bastante desenvolvido na placa de Uruk.

III

Cansado da viagem e ainda mais do pavor da morte, Gilgamesh bate à porta do bem-aventurado Utnapishtim. *Sin-leqê-unninni* («Ó deus Sin [deus da Lua] aceita a minha súplica») teve na conclusão um golpe de génio. Esta personalidade literária dos fins da era cassita de Babilónia (c. 1200 a. C.), inspirando-se na epopeia babilónica do *Atramhais* e certamente noutras versões orais, acrescentou o relato do Dilúvio e terminou a odisseia junto às muralhas de Uruk, repetindo parcialmente o prólogo. Eram onze placas encerradas no artifício da inclusão:

*Quando (por fim) chegaram a Uruk-Amurallhada,
Gilgamesh diz-lhe, a Ur-shanabi marinheiro:
Sobe Ur-shanabi à muralha de Uruk e percorre-a,
examina as fundações, examina suas camadas,
(vê) se essas camadas não são todas de tijolo cozido
e se seus fundamentos os sete Sábios não assentaram.
XI, 302-305²⁰*

Nem Dilúvio nem este epílogo, posteriores à versão hitita, podiam aqui figurar. O último confronto possível é o do encontro com o barqueiro Ur-shanabi e a viagem marítima. Na versão ninivita, há uma discussão prévia sobre o ar cansado e macilento de Gilgamesh. O herói repete pela terceira vez a elegia a Enkidu e a ânsia de encontrar remédio para a morte. Só então vem a questão do caminho para Utnapishtim:

¹⁹ Cf. E. REINER, «Akkdische Literatur», in W. RÖLLIG (ed.), *Altorientalische Literaturen*, Wiesbaden, 1978, p. 170.

²⁰ R. LABAT *et alii*, *Les religions*, 222 ; J. NUNES CARREIRA, *Literaturas*, 165.

Gilgamesh diz ainda a Ur-shanabi:

«Vamos, Ur-shanabi,

qual é (o caminho para Utnapishtim)?

Quais são as suas indicações? Dá-mas, oh! Dá-me as indicações!

Se é possível, atravessarei o mar, se não é possível (percorrerei a estepe).»

Então Ur-shanabi respondeu a Gilgamesh:

«São as tuas mãos, Gilgamesh, que impedem a travessia,

quebraste os objectos de pedra, irás andar à deriva.

Gilgamesh, brande o machado a teu lado,

desce à floresta a cortar cento e vinte varas de sessenta côvados,

descasca-as, aguça as pontas, depois leva-as para o barco.

Gilgamesh, tendo ouvido isto,

brandiu o machado a seu lado, desembainhou o punho do seu cinto.

Desceu à floresta a cortar cento e vinte varas de sessenta côvados:

descascou-as, aguçou as pontas, levou-as depois ao barco.

Gilgamesh e Ur-shanabi subiram a bordo do barco;

puseram o escaler a flutuar e embarcaram.

O percurso de mês e meio foi concluído no terceiro dia.

Foi assim que Ur-shanabi atingiu as águas da morte»²¹.

A placa continua com a viagem marítima e o encontro com Utnapishtim.

Versão hitita:

Tu atravessas...

o que tu atravessas tão regularmente dia e noite.» Então Urshanabi (disse):

«São as mesmas duas figuras de pedra

que me fazem atravessar.» Então Gilgamesh (disse):

«Porquê excitar a minha cólera?»

(lacuna)

(lacuna de quatro linhas)

Passada uma árvore...

Comeram. Ur-shanabi respondeu

a Gilgamesh, ao rei:

«Como é que tu, Gilgamesh, queres ir além dos mares?»

²¹ R. J. TOURNAY-A. SHAFFER, *L'épopée*, 211-212.

*Quando alcançares as águas de morte,
que farás? Toma o machado na mão
e (corta varas)
que terão 40 côvados de comprimento ou 50 côvados de comprimento.»
Quando Gilgamesh ouviu as palavras de Ur-shanabi,
tomou o machado na mão
e cortou varas que tinham 50 côvados de comprimento.
...
Tirou-lhes a casca...
e colocou-as sobre o barco.
Subiram os dois ao barco, Gilgamesh e Ur-shanabi.
Ur-shanabi teve o remo (?) na mão enquanto Gilgamesh
... com a sua mão.
Um percurso (?) de um mês e quinze dias²².*

Chegando ao mar, Gilgamesh encontra o barqueiro que faz diariamente a travessia da terra dos mortais para a ilha da imortalidade, onde o herói do dilúvio, Utnapishtim, vive para sempre com os deuses. As águas do mar são ainda Águas de Morte. Enigmática é a alusão a duas «figuras de pedra» que permitem a travessia. Trata-se, segundo uns, de figuras apotropaicas que protegem a barca na travessia das Águas de Morte; segundo outros, seriam varas de pedra que não humedecem e protegem as mãos do barqueiro das Águas da Morte²³.

Aí vão os dois, Gilgamesh e o barqueiro, remando e rumando sem meta aparente. Se não se perdeu a conclusão, o poeta hitita optou por um dramatismo original: deixou o protagonista a avançar sem rumo, a caminho do vazio... Outra coisa não pode esperar quem teima em superar a barreira da morte.

Depois da versão hurríta, que pouco rasto deixou, coube aos Hititas traduzir e glosar a obra mais famosa da literatura pré-clássica. Deve ter sido na região de Kizzuwatna, a Cilícia, onde comprovadamente se falou lúvico e hurríta, que os Hititas tiveram acesso ao espólio mesopotâmico. Por aí chegaram à capital ecos do mito de *Atramhasis* (representado em dois fragmentos, um acádico outro hitita) e da *Epopéia de Gilgamesh* (fragmentos acádicos, versão fragmentária hurríta, versão livre hitita).

²²*Ibid.*, 218; TLH 114-115.

²³ TLH 104.

Os Hititas tornaram-se, assim, os grandes tradutores e divulgadores das literaturas da Mesopotâmia. No caso da *Epopéia de Gilgamesh*, glosaram e adaptaram um tema alheio com notável liberdade e evidente criatividade. Conservaram elementos típicos da epopeia clássica, tais como formas fixas de começo e conclusão dos discursos, repetições literais de trechos inteiros quando se trata de entregar e transmitir uma mensagem. A versão hitita provém do Império. É impensável que os poetas do *Gilgamesh* hitita, como os do *Ullikummi* hitita, não tenham conhecido os originais em forma escrita²⁴.

Foi só a primeira onda. Ecos da grande epopeia passaram do Hatti à Odisseia de Homero²⁵, às epopeias latinas e germânicas²⁶, desaguando por fim em *Os Lusíadas*²⁷.

²⁴ H. G. GÜTERBOCK, «Hethitische Literatur», in W. RÖLLIG (ed.), *Altorientalische Literaturen* (Neues Handbuch der Literaturwissenschaft, 1), Wiesbaden 1978, pp. 232-233.

²⁵ A. UNGNAD, «Gilgamesh-Epos und Odyssee» (1923), in K. OBERHUBER (Hrsg.), *Das Gilgamesh-Epos*, Darmstadt 1977, pp.104-137. K. OBERHUBER, «Der Kyklop Polyphem in altorientalischer Hinsicht», *Gedenkschrift für H. Güntert*, 1974, pp. 147-153.

²⁶ S. N. KRAMER, *A história começa na Suméria* trad. Lisboa 1963, XXII, 233-256.

²⁷ J. NUNES CARREIRA, «Motivos pré-clássicos n'Os Lusíadas», comunicação à Academia Portuguesa da História (03/07/2002) a aguardar publicação nos *Anais* da Academia.

JOSÉ NUNES CARREIRA